

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ADRIANA RODRIGUES DA CRUZ**

**A PRESENÇA DA HOMOSSEXUALIDADE NAS PUBLICAÇÕES DA  
ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**GOIÂNIA  
2013**

**Adriana Rodrigues Da Cruz**

**A PRESENÇA DA HOMOSSEXUALIDADE NAS PUBLICAÇÕES DA ÁREA DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia submetida à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de especialização em Educação Física Escolar. Orientadora: Prof. Dra. Ana De Pellegrin.

GOIÂNIA  
2013

Adriana Rodrigues Da Cruz

**A PRESENÇA DA HOMOSSEXUALIDADE NAS PUBLICAÇÕES DA ÁREA DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Goiânia, 03 de Junho de 2013.

---

Prof. Dra. Ana De Pellegrin  
Orientadora

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar ao meu pai João, por ter me ensinado a ser uma pessoa honesta, humilde para sobreviver no mundo em que vivemos. E também ao meu noivo Edmilson, que ao longo destes anos me incentivou e mostrou novos caminhos para a vida.

Aos professores, Tadeu João Ribeiro Baptista, Jeferson Moreira, Ana de Pellegrini. Por me mostrar novos caminhos para a educação.

Aos meus amigos Péricles e Marília Nepomuceno que mim incentivaram para concretização deste trabalho.

A minha orientadora Dra. Ana De Pellegrin, pelos seus conhecimentos e orientações, que me auxiliaram bastante nas minhas limitações, pelas disposições mesmo nos momentos difíceis de sua vida. E pelas indicações de pesquisas em revistas diversas.

As minhas alunas da terceira idade, principalmente a Ana Barbosa e Carmem por compreender minhas ausências nas aulas.

## **DEDICATÓRIA**

*In memória* de minha mãe Divida Rodrigues da Cruz;

Meu pai João Mendanha da Cruz;

Meus irmãos Iris Rodrigues da Cruz e Sérgio Rodrigues da Cruz;

Meu noivo Edmilson Pereira Lima.

*“Quando você é diferente não precisa justificar ao mundo, basta ser o que você é”.*  
**Adriana Rodrigues da Cruz**

## RESUMO

A homossexualidade no contexto escolar é um assunto recente que merece ser discutido, pois a crescente discriminação, a homofobia e as formas estereotipadas de tratamento para o sujeito homossexual tem sido comuns nas escolas. No campo acadêmico, observa-se que na área da Educação Física já existe um conjunto de pesquisas desenvolvidas e trabalhos publicados sobre a temática da sexualidade. No entanto ainda são poucos os que abordam as questões da homossexualidade. Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica, que buscou identificar e analisar, em periódicos e bibliotecas on line, trabalhos que abordassem esta temática na área. Apresentamos a análise de 22 artigos e 2 dissertações de mestrado que foram levantados em periódicos da área da Educação Física e no portal do Boletim de Educação Física. As revistas pesquisadas foram: Motrivivência, UEM, Pensar a Prática, Efdeportes, Movimento. Os trabalhos levantados e analisados foram organizados em três eixos (escola em geral; diferentes campos de intervenção da Educação Física; universo da educação física escolar). Apesar de mostrarem várias fragilidades do ponto de vista do aprofundamento, dos procedimentos metodológicos e da escrita, os trabalhos mostram que é necessário um investimento acadêmico na questão da homossexualidade, pois é uma demanda social concreta para várias áreas, entre elas, a Educação Física.

***Palavras chave:*** homossexualidade; escola; educação física.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>11</b>
A questão da homossexualidade presente em pesquisas sobre a escola em geral.	
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>15</b>
A questão da homossexualidade presente em pesquisas sobre os diferentes campos de intervenção da Educação Física (esporte, luta, dança, lazer).	
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>25</b>
A questão da homossexualidade presente em pesquisas sobre o universo da Educação Física Escolar.	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

A homossexualidade no contexto escolar é um assunto recente que merece ser discutido, pois a crescente discriminação, a homofobia e as formas estereotipadas de tratamento para o sujeito homossexual tem sido comuns nas escolas.

A discussão sobre a homossexualidade na escola é escassa, ainda prevalece a recusa e o medo de se tratar a sexualidade nesta instituição.

No Brasil a discussão sobre a homossexualidade foi registrada a partir dos anos de 1960 por iniciativa de gays e lésbicas, que começaram assumir sua identidade sexual.

Na segunda metade do século XX, ocorreram várias transformações na área da tecnologia e da política; isto modificou o modo de pensar de alguns grupos sociais como os feministas, por exemplo, que começaram a reivindicar e questionar as diferenças e desigualdades impostas pela sociedade aos grupos não branco, gays e lésbicas.

Esta discussão se intensificou a partir de 1968. É importante lembrar que a homossexualidade, até os anos 1980 do século XX, ainda era classificada como doença no Código Internacional de Doenças (CID).

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável) ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Ousando a se expor a todas as formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites. (LOURO, 2004, p.29).

Atualmente o tema da homossexualidade é retratado no cinema, nas novelas, teatros, programas de humor e na mídia. Observa-se que os movimentos Gays têm se intensificado no mundo todo, tentando conquistar o seu espaço.

No campo acadêmico, observa-se que na área da Educação Física já existe um conjunto de pesquisas desenvolvidas e trabalhos publicados sobre a temática da sexualidade. No entanto ainda são poucos os que abordam as questões da homossexualidade.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica, que buscou identificar e analisar, em periódicos e bibliotecas on line, trabalhos que abordassem esta temática na área.

No início da pesquisa, o objetivo era levantar material em um recorte temporal de 2005 até a atualidade, mas percebemos que na área da Educação Física são poucos estudos

que abordam a temática da homossexualidade na escola. Devido a este fato, optamos por não utilizar este critério de tempo.

Apresentamos a análise de 22 artigos e 2 dissertações de mestrado que foram levantados em periódicos da área da Educação Física e no portal do Boletim de Educação Física. As revistas pesquisadas foram: Motrivivência, UEM, Pensar a Prática, Efdeportes, Movimento.

Os trabalhos levantados e analisados foram organizados em três eixos, que deram origem aos três capítulos desta monografia.

## CAPÍTULO I

### A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE PRESENTE EM PESQUISAS SOBRE A ESCOLA EM GERAL

A busca apontou 3 artigos, publicados na revista *Efdeportes* retratando a relação entre a questão da homossexualidade e escola de modo geral.

O foco destes artigos não é tratar a temática da homossexualidade na escola. Os mesmos trazem perspectivas diferentes em relação à homossexualidade. Os autores trouxeram como assunto: o atual movimento de inclusão na escola, nas diferentes perspectivas do bullying, da homofobia e do preconceito na escola de modo geral, não restrito aos homossexuais; o trato pedagógico para lidar com a homossexualidade na escola; enfatizando a vigilância e o controle da sexualidade como fatores relevantes para discussão.

Sobre a homossexualidade tratada de forma preconceituosa, o estudo de Godoi (2009) teve como foco discutir algumas questões acerca da sexualidade e de gênero na escola. Esta análise possibilitou constatar que: a escola tem demonstrado inabilidade pedagógica para lidar com as questões de sexualidade e de gênero; em relação à homossexualidade mais especificamente, a escola tem optado pelo desconhecimento e pela normatização da sexualidade. (GODOI, 2009).

Neste artigo colocam-se em discussão: o Trato pedagógico, “a vigilância e controle da sexualidade de todos os profissionais da escola” e “a homossexualidade/homofobia”.

Em termos de procedimentos metodológicos foram utilizadas observações e questionários. (GODOI, 2009).

1) **Trato pedagógico:** Em relação ao trato pedagógico é necessário reportar-se à questão do currículo na escola. Na maioria das vezes esta temática da sexualidade é colocada em segundo plano, pois são várias as situações que impossibilitam o tratamento adequado. Para que isto ocorra é necessário um projeto que articule as disciplinas e que esteja incluído no Projeto Político Pedagógico da escola.

Durante a observação o autor identificou manifestações de controle sobre a sexualidade por parte dos profissionais da escola. Eles fazem comentários a respeito do comportamento de um dos guardas da escola por ser “meio afeminado”. Outro fato comentado foi de uma professora que vestia o estilo de roupas “não femininas”, “não se

cuidava”, “não usava maquiagem”. No entender dessas pessoas ela deveria usar “roupas femininas”. (GODOI, 2009).

## **2) “A vigilância e o controle da sexualidade de todos os profissionais da escola”:**

O guarda e a professora não poderiam fugir da “normalidade”, o homem deveria usar roupas masculinas e não fazer gestos afeminados; a mulher deveria usar roupas femininas e ser vaidosa. Quando se foge dos padrões ditos “normais” há um motivo para um controle maior da sexualidade. (GODOI, 2009).

Observou que a questão da sexualidade está presente na escola mesmo não obtendo um espaço no currículo oficial, mas sim por meio da disciplina e do controle. Isto é percebido nas regras, condutas, valores, códigos, padrões, silêncios, e proibições. (GODOI, 2009).

**3) Homofobia/homossexualidade:** Observa-se pesquisa que a homofobia apareceu quando um aluno se declarou apaixonado por um colega.

O autor relata que um aluno de 14 anos, da 8ª série de um Colégio Católico de São Paulo, após declarar ser homossexual e apaixonado por um colega 2 anos mais velho, denunciou a escola porque o diretor disse que a homossexualidade é “anormal”. Os alunos em geral condenaram-no por revelar sua orientação sexual. Apoiaram a expulsão do mesmo com abaixo assinado. O aluno foi humilhado e sofreu ameaças. O coordenador da escola dizia que as mães dos alunos temiam que seus filhos fossem abusados pelo aluno. (GODOI, 2009).

Ficou evidente que a homofobia gerou um sentimento de negatividade para este aluno trazendo-lhe um desprezo, desconforto de revelar sua identidade sexual. O mesmo sentiu a necessidade de ocultar a sua forma de ser e estar no mundo. A escola deveria ser um lugar para formar pessoas reflexivas e abertas para as diferenças. Ao contrário, ela está ensinando a desqualificar estes sujeitos com se fossem anormais. Isto é um ato de reação que não demonstra respeito o outro.

Observamos que a escola tem reproduzido a violência contra homossexuais. Ao invés de colocar em pauta o assunto da sexualidade por meio de um projeto e do diálogo com as disciplinas, a escola tem estimulado o preconceito de várias maneiras.

Um dos problemas apontados pelo autor refere-se à falta de formação continuada, principalmente pelos professores, coordenadores e diretor, para lidar com as diferenças; com a vigilância e controle da sexualidade e com a homofobia/ homossexualidade. A escola não está preparada para incluir as diferenças. O que ela tem feito, em geral, é reprimir. (GODOI, 2009).

A escola pesquisada é uma instituição católica (particular), obedece à doutrina da Igreja Católica, e a questão da sexualidade não é bem vinda para esta instituição conservadora. Mas não é somente nas escolas particulares que o problema se manifesta. As escolas públicas muitas vezes têm esta atitude, considerando os homossexuais como desviados. Sendo assim, alguns vão procurar outra instituição escolar e outros abandonam-na. (GODOI, 2009).

O trabalho de Godoi (2009) permite duas reflexões:

- Como lidar com os padrões de normalidade em relação à masculinidade e feminilidade?
- Como professores e gestores poderiam contribuir para fazer da escola uma instituição aberta à diversidade e à pluralidade?

O trabalho de Leão Junior et al (2011) “propôs investigar as representações sobre o fenômeno do bullying, segundo o entendimento dos professores, direção e funcionários de duas escolas públicas de São José dos Pinhais, de 1º e 4º série do ensino fundamental”. Os pesquisadores utilizaram um questionário de perguntas fechadas sobre o bullying. Foram 09 questões.

Dentre estas questões, apenas umas delas tratava da homossexualidade como condição que poderia ser incluída nas manifestações de **bullying**.

O resultado da tabulação das respostas a esta questão foi:

Questão (08)- Em sua opinião os casos mais frequentes de bullying são: 11% preconceito quanto à sexualidade (homossexualidade); 21% pelo peso; 18% a higiene; 13% da raça; 10% aparência estética; 9% condição social e 8% pela estatura. ( LEÃO JUNIOR et al, 2011).

É importante deixar claro que não coloquei em evidência o conteúdo das nove perguntas em pauta na pesquisa porque o objetivo é retratar a homossexualidade na escola e suas abordagens.

Já o estudo de Corte et al (2012a) teve como objetivo refletir sobre a inclusão social, destacando o sistema de cotas educacionais e os alunos carentes que podem manifestar insuficiência intelectual relacionada à deficiência do ensino médio público, e que sofreram discriminação e preconceito religioso, homofóbico ou bullying. Utilizou-se um questionário fechado com 22 questões. Uma das perguntas coloca em foco a discriminação e o preconceito. Segue abaixo a pergunta:

14). Sofreu algum tipo de discriminação ou preconceito no Ensino Médio?

Sim ( ) Não ( )

15). Caso a resposta seja sim, marque-os:

financeiro

racial

homofóbico

religioso

outros(s)

(CORTE et al, 2012a).

De acordo com a pesquisa, 7,5% dos pesquisados sofreram discriminação religiosa; 2,5% relacionado ao financeiro; 2,5 à homofobia. (CORTE et al, 2012a).

Sendo assim, o professor deverá refletir sua prática pedagógica para qualificar seu trabalho. Neste artigo a **homofobia** é ponto de apoio para discutir a homossexualidade.

A **homofobia** referenciada pelos autores é definida como desqualificação e violência dirigidas aos sujeitos considerados diferentes da heterossexualidade. Citam a Lei que foi instituída para punir a discriminação contra os homossexuais, Lei nº 7.716. Um ponto importante mencionado pelos autores é atitude do professor na escola perante a inclusão das pessoas homossexuais. A grande maioria prefere o silêncio, e mostra dificuldades de renunciar aos seus próprios preconceitos contra os homossexuais. (CORTE et al, 2012a).

Os autores trazem uma importante reflexão que merece ser apontada como avanço ao retratar a postura do professor de Educação Física na sua prática pedagógica diante da inclusão dos alunos homossexuais, coibindo a discriminação e o preconceito.

É importante dizer que não é apenas o professor de Educação Física que vai “solucionar” a homofobia. Cabe uma interligação entre escola, outras áreas do conhecimento e de intervenção como, por exemplo: a psicologia e as políticas públicas.

Cada um dos artigos apresenta a temática da homossexualidade na escola de maneira distinta, mas sempre atrelado às manifestações de bullying ou homofobia.

## CAPÍTULO II

### **A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE PRESENTE EM DIFERENTES CAMPOS DE ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA (ESPORTE, LUTA, DANÇA, LAZER)**

Neste item será apresentada a temática da homossexualidade tal como tem sido abordada nas pesquisas, em diferentes campos de atuação da Educação Física como: nos esportes; nas lutas; na mídia; no lazer; na religião; na dança.

Iniciamos a exposição analisando como tem sido abordada a homossexualidade no campo dos esportes. Foram identificados 2 artigos na revista EFDeportes.

Um dos trabalhos encontrados aborda o filme “Driblando o Destino”. A inserção da mulher no futebol é questionada, sendo um esporte considerado masculino. Neste filme a trama ocorre em volta de duas questões centrais: “uma que problematiza uma família indiana que vive em uma cidade inglesa (questão étnica) e o desejo da protagonista mulher jogar futebol”. (DOS ANJOS, 2010).

A autora destaca uma cena do filme: pai e mãe conversavam sobre a filha (Jules) que gosta de jogar futebol, pois “(...) é um esporte para homem, sua mãe menciona o formato do corpo de uma jogadora de futebol que parece um corpo de homem com músculos. E ninguém vai querer namorar com ela, parece homem”. (DOS ANJOS, 2010).

De acordo com a autora, percebe-se que a heterossexualidade da filha é controlada do mesmo modo que comparada com um corpo masculinizado, pois os homens que jogam bola precisam ser fortes, habilidosos, agressivos. O futebol é um desafio para a mulher, e para ser superado é necessário enfrentar as barreiras impostas pela sociedade como o exemplo o que foi mencionado pela sua mãe.

Em outro momento do filme quando “Jules e seu pai estão jogando no jardim” sua mãe chega e questiona sobre sua “identidade sexual” e descobre que ela não é “homossexual conforme pensava”. A mãe diz “concordar com homossexualidade, mas com sua filha isto não pode acontecer”. Após descobrir que a filha não é homossexual sua mãe passa a apoiá-la na prática do futebol colocando como um “acordo” que “o futebol não é um problema tão complicado se sua filha se mantiver heterossexual”. (DOS ANJOS, 2010).

Desse modo, o futebol praticado por mulheres permanece nos pensamentos estereotipados. Mesmo sendo apoiada, Jules é controlada pelo desejo da mãe de ser heterossexual.

Nas considerações a autora traz uma discussão que merece destaque, ao relacionar as produções cinematográficas como produções que trazem “currículos culturais” que “reforçam ou produzem comportamentos, valores, normas, condutas dos indivíduos”. Este currículo não os ensina de forma não “formalizada”. No filme demonstra que a mulher que joga futebol ainda é marcada de estereótipos. (DOS ANJOS, 2010).

No mundo globalizado em que vivemos, a mídia é um meio de comunicação que influencia no modo de viver da sociedade. O cinema tem um papel importante na formação de opinião dos indivíduos: no comportamento, modo de pensar, agir, vestir. O que poderá ser feito é refletir e problematizar tais aspectos para saber como enfrentá-los.

O estudo de Paulo Junior et al (2012) teve como objetivo abordar “o papel feminino no futsal”, utilizando a revisão bibliográfica. Foi consultado o acervo da Universidade Estadual Paulista e Biblioteca I- base de dados on-line.

O artigo traz alguns apontamentos sobre a imagem da mulher que joga bola, e, conseqüentemente, pode ser vista pela sociedade como homossexual, caracterizando uma situação de discriminação. (PAULO JUNIOR et al, 2012).

Os autores afirmam que a mídia tende a enaltecer a imagem de atletas heterossexuais, correspondendo ao preconceito do público. (PAULO JUNIOR et al, 2012).

Porém, o **preconceito** foi retratado de forma mais abrangente. Ocorre a caracterização do preconceito quando a mulher que joga bola é vista como homossexual. Apesar disso, concluem que a presença das mulheres no futsal é uma conquista feminina. O preconceito e a associação ao futsal feminino com a homossexualidade ainda existem de maneira explícita ou implícita. (PAULO JUNIOR et al, 2012).

Continuando com a análise da homossexualidade no campo dos esportes, o estudo de Maia et al (2010) publicado na Revista EFDeportes aborda a questão da homofobia no futebol, a partir de uma revisão bibliográfica.

Neste contexto, o trabalho coloca em evidência a homofobia no Brasil, lembrando que “o estado de Pernambuco é tido como o mais violento, com 27 homicídios”. Segundo as estatísticas, “o Brasil é campeão mundial de assassinatos de lésbicas, gays, bissexuais e travestis”. (MAIA et al, 2010). Reportagens policiais são frequentemente citadas neste artigo, descrevendo mortes de homossexuais ocorridas no cenário nacional. Os autores apontam que no futebol a exclusão de atletas ocorre frequentemente porque se considera que seriam pessoas frágeis e não suportariam o esforço físico de uma partida. (MAIA et al, 2010).

Os autores informam que o preconceito no futebol, aparece também na forma de agressões verbais como: “bixa”, “viado”, “gay” caracterizando a homossexualidade como uma condição negativa. (MAIA et al, 2010).

Continuando com a análise da discussão sobre a homossexualidade e os diferentes campos de intervenção da Educação Física, as lutas aparecem neste cenário. Foram identificados 3 artigos, publicados na Revista EFDeportes. Pode observar que a maior parte dos professores é do sexo masculino e quando a mulher faz parte deste grupo sendo a professora, frequentemente há comentários caracterizando a sua sexualidade. A seguir serão discutidos 3 artigos que trataram da homossexualidade no campo das lutas.

O estudo de Ferraz et al (2012) teve como objetivo de “identificar se a presença de uma professora nas aulas de Kung Fu estimulará o maior público masculino ou feminino”. (FERRAZ et al, 2012).

O estudo foi desenvolvido no projeto “Aulas de Kung Fu para a Comunidade da EACH da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo”. Participaram 12 alunos, sendo, 6 mulheres e 6 homens. As aulas aconteciam duas vezes por semana com duração de 1 hora cada aula. Foram aplicados 2 questionários. Um no início e outro no final da pesquisa. (FERRAZ et al, 2012).

Para os autores, a inserção da mulher na prática do Kung Fu representa um desafio, pois esta presença questionaria um determinado padrão de “feminilidade”. A utilização de alguns objetos como facão, corrente, lança, movimentos bruscos e golpes são associados ao sexo masculino. Se as mulheres forem realizar estes movimentos e utilizar os objetos, estarão sujeitas a serem estereotipadas como “masculinizadas” desconstruindo sua imagem feminina. (FERRAZ, et al, 2012).

No primeiro questionário, mais de 95%” dos participantes disseram que o profissional (mulher) que ministra as aulas não perde sua feminilidade executando os movimentos ou ministrando as aulas; 5% responderam que a mulher perde sim sua feminilidade. No segundo questionário, 100% dos participantes responderam que as “mulheres inseridas nas aulas de Kung Fu não interferiram na sua escolha e que elas não perdem sua feminilidade ao realizar a prática pedagógica”. (FERRAZ et al, 2012).

No trabalho de Corte et al (2012b), identifica-se como objetivo “mensurar o nível de homofobia dos lutadores evangélicos de jiu jitsu brasileiro, que pela sua tradição podem manifestar um comportamento e atitudes de discriminação e/ou preconceito homofóbicos em relação aos homossexuais”. Os autores afirmam que entre os evangélicos há um entendimento de que os homossexuais podem “fazer o que quiserem desde que não manifestam emoções e

sentimentos nos ambientes heterossexuais”. A pesquisa foi feita com 10 pessoas, 7 do gênero feminino e 3 do gênero masculino, com idade entre 12 e 44 anos. Os lutadores de jiu-jitsu faziam parte da “Comunidade Sara Nossa Terra, Projeto Lutadores para Cristo”. Foram feitos 2 procedimentos com base em um modelo experimental, 1 questionário com 9 questões fechadas e um segundo questionário, com uma questão apenas relacionada a duas fotos (duas mulheres e dois homens se beijando). (CORTE et al, 2006b).

A aplicação do segundo questionário ocorreu após um “aulão” de jiu-jitsu brasileiro com os alunos do projeto e público. Neste “aulão” houve apresentação de dois homossexuais de gêneros distintos e os mesmos explicaram suas preferências e opções sexuais. Foram apresentados “quatro vídeos com imagens impactantes contra a discriminação e preconceito homofóbico”. Foram realizadas leituras de versículos bíblicos e leitura das leis que punem a segregação contra os homossexuais. Nos questionários os autores utilizaram uma escala de quatro níveis:

1. Não homofóbico;
2. Homofóbico leve;
3. Homofóbico moderado;
4. Homofóbico extremo.

(CORTE et al, 2012b).

Nos resultados apresentados no primeiro questionário, segundo os autores, 50% tem não revelaram grau homofóbico. No segundo questionário 50% enquadraram-se na categoria “homofóbico moderado”. No primeiro questionário houve “14% de homofóbicos moderados”, e no segundo esta porcentagem aumentou para 50%. Os resultados de não homofóbicos na primeira etapa foram de “50%”, já na segunda etapa foram “20%”. (CORTE et al, 2012b).

Diante dos resultados mensurados, os autores concluíram que, os lutadores evangélicos de jiu-jitsu brasileiro revelam uma postura relativamente tolerante à homossexualidade, enquanto não há em seu convívio uma pessoa assumidamente homossexual. Porém demonstram aversão diante das práticas afetivas tal como o beijo, exibido nas fotos, entre homossexuais. Segundo os autores, o professor de Educação Física tem o dever de estar em contínuo aprendizado para enfrentar a pluralidade cultural que irá encontrar na vida. (CORTE et al, 2012b).

Identificamos que:

- Na redação das questões, houve utilização excessivas de gírias.

- Algumas questões não apresentam alternativa de resposta para uma pessoa não homofóbica como por exemplo:

**2. Um homossexual é:**

A. Um ser com os mesmos direitos que os cidadãos normais, menos o de se casar com alguém do mesmo sexo.

B. Gente de quem eu até sou amigo, porém tenho de reconhecer que são promíscuos, gostam de usar fardas, depilam as pernas, não gostam de futebol, não bebem cerveja, só vinho francês, têm a mania que são sensíveis, vêem documentários coreanos e passam a vida a tentar ter sexo com adolescentes ou halterofilistas em casas de banho públicas.

C. Provavelmente inflamável; mas para ter a certeza nada melhor que regá-lo com gasolina e a seguir acender um fósforo.

D. Certamente meu amigo e possivelmente meu amante ou ex-amante.

(CORTE et al, 2012b).

O estudo de Ranquine et al (2010) teve o “objetivo de analisar e quantificar o grau de homofobia nas lutas, explicando os conflitos entre lutadores que são heterossexuais e os que são homossexuais na sociedade”. A pesquisa de campo foi feita por meio de questionário fechado com 9 questões, e 4 possibilidades de resposta em cada uma delas. Participaram da pesquisa 38 atletas de 3 academias, sendo 8 mulheres e 30 homens, com idade de 20 a 30 anos.

A escala utilizada para análise aponta 4 graus possíveis de homofobia: “Grau 1, não homofóbico”; “grau 2, homofóbico leve”; “grau 3, homofóbico moderado”; “grau 4, homofóbico extremo”. Segundo os dados dos autores, 77% foram considerados homofóbicos moderados. Os autores concluem dizendo que o papel do professor de Educação Física é orientar seus alunos para a necessidade de conviver com as diferenças e ter a consciência de que a discriminação é crime. (RANQUINE et al, 2010).

Este trabalho apresenta os mesmos problemas em relação à construção do questionário, já apontados em relação ao estudo anterior, como se pode perceber na seguinte questão:

**8. Por mim, os homossexuais:**

A. Continuavam a exercer as suas práticas em segredo enquanto publicamente se portavam como gente normal, e já não havia chatices.

B. Frequentavam workshops de heterossexualidade para aprenderem a serem pessoas normais, porque eles também são gente, coitadinhos.

C. Eram crucificados no pelourinho.

D. Por mim podiam fazer o que quisessem.

(RANQUINE et al, 2010).

De acordo com os autores, 70% dos pesquisados responderam a letra a, seguida de 20% para letra c.

É importante dizer que os comportamentos homofóbicos acabam por provocar atitudes diferenciadas por partes dos homossexuais, levando-os muitas vezes a esconderem sua identidade afetiva já que temem agressões.

Ambos os trabalhos de Corte et al (2012) e Ranquine et al (2010) propuseram a intervenção do professor de Educação Física na sua prática pedagógica diante da homofobia. Este é um salto qualitativo, demonstrando que a Educação Física tem um papel fundamental em relação a questões éticas no processo de ensino aprendizagem.

No campo da dança foram localizados 2 trabalhos na Revista EFDeportes.

O trabalho de Santos et al (2012) teve o objetivo de “analisar como os homens encaram a dança no mundo moderno, e perceber as nuances relacionadas á discriminação, uma vez que em sua grande maioria, sua manifestação não é explícita”. Os participantes da pesquisa foram homens com idade entre 22 e 45 anos praticantes de alguma atividade física, nas não de dança. Foi feita uma entrevista com grupo focal com seis questões, gravada, com uso de algumas fotos: a primeira configurava um homem dançando balé; a segunda mostrava um casal de bailarinos executando movimentos suaves de balé; a terceira exibia um casal em posição de dança de salão. Dos sujeitos participantes, “22% têm ensino superior completo, 33% cursam a graduação, 45% têm o ensino médio completo”.

O resultado da pesquisa foi apresentado em dois momentos. O primeiro momento se refere às respostas de cada homem a cada questão. No segundo momento, foram apresentadas ideias centrais, identificadas após os discursos dos entrevistados. (SANTOS et al, 2012).

De acordo com a pesquisa, dois dos sujeitos pesquisados disseram que a impressão que tiveram da figura 1 foi que parecia um “gay” dançando, era “anormal”. (SANTOS et al, 2012).

Na figura 2, todos os sujeitos pesquisados disseram que “a vestimenta” do dançarino não era específica do sexo masculino, e os gestos eram “afeminados”. (SANTOS et al, 2012).

Dois dos entrevistados responderam que na figura 3, o dançarino “parecia ser homem”. (SANTOS et al, 2012).

No decorrer da pesquisa foram questionados sobre um possível familiar próximo que praticasse a dança e se eles apoiariam. Dois dos entrevistados disseram que dança é “coisa de mulher”; um deles considera “gay quem faz a dança”; o outro disse que “não apoia, mas não vai atrapalhar”. (SANTOS et al 2012).

Na pesquisa realizada os pesquisadores colocaram em discussão alguns elementos chaves. Isto apresentou um avanço metodológico, pois a discussão abrangeu um contexto que

poderia ser ampliado no momento das entrevistas, e a participação dos pesquisados aparentemente não evidenciou uma resposta forçada.

Esses elementos chaves devem ser descritos para compreendermos quais os desafios que o homem enfrenta na dança de acordo com os autores. Partindo desta análise os elementos chaves que merecem destaque são: “Esportes ditos masculinos”; “Vestimentas”; “Preconceitos”; “Homem tem que ter jeito de homem”; “Homem dançando é esquisito”. (SANTOS et al, 2012).

Segundos os entrevistados a dança não é “para homem”, o homem não “nasce para dançar” e, sim para “jogar bola”, basquete, praticar natação. O homem gosta de práticas “agressivas” que movimentam os músculos. Esta observação foi feita pela maioria dos entrevistados. (SANTOS et al, 2012).

A vestimenta é um elemento que é considerado problema “quando um homem usa roupas apertadas, coladas no corpo”. Este tipo de roupa é visível na figura 1 e 2. Na figura 3 alguns dos participantes consideram a roupa adequada para um homem, pois ela é mais folgada no seu corpo, é um traje adequado para o homem. (SANTOS et al, 2012).

A roupa usada pelo indivíduo que está dançando não justifica sua identidade sexual; é uma necessidade das características daquele tipo de dança. Em algumas danças, a necessidade de usar roupas mais folgadas pode identificar uma tradição daquela manifestação de dança.

A questão da vestimenta entendida pelos entrevistados como algo que pode identificar a identidade afetiva pode ser percebida como preconceito. Este elemento é recorrente no decorrer da pesquisa. O fato é que quase ninguém quis assumir o preconceito. Tendem a naturalizar a dança como algo feminino. Segundo a pesquisa apenas um sujeito assumiu ser preconceituoso ao dizer que: “balé é coisa para meninas ou meninos afeminados”. (SANTOS et al, 2012).

O preconceito está enraizado na cultura humana do ocidente; este fato é percebido nas atitudes agressivas, sejam elas verbais ou físicas. Mesmo que o sujeito diga não ser preconceituoso, o preconceito está presente. Um exemplo de preconceito refere-se à forma de um homem dançar, julgada por três dos entrevistados como: “um boiola dançando”. O elemento chave: “o homem tem que ter jeito de homem” foi determinante para os entrevistados definirem que na figura 2 o indivíduo que aparecia dançando “tinha semelhanças” com um homossexual.

Para os entrevistados dançar é para mulher. “2 dos entrevistados disseram que é “esquisito e estranho” ver um homem dançando, pois envolve movimentos delicados e

suaves. Segundos estes, a “mídia interioriza que a dança é para mulher”. (SANTOS et al, 2012).

Nas conclusões dos autores, ficaram evidentes os elementos chaves discutidos neste trabalho como: a vestimenta, o jeito de dançar atribuindo significado para os entrevistados como “suspeita da masculinidade” do homem. Afirmam que é importante o profissional de Educação Física intervir neste meio porque ele está habilitado para assumir sua prática pedagógica nos princípios do CREF-CONFED (1998) que têm a finalidade “de refletir o respeito à igualdade”. (SANTOS et al, 2012).

No trabalho Santos et al (2012) foram identificados avanços qualitativos. A metodologia utilizada foi significativa para concretizar os objetivos por meio de uma entrevista com grupo focal, uma modalidade que permite ao pesquisador ter as informações mais precisas no decorrer nas entrevistas. Com isto, poderá intervir para fazer novos questionamentos, reformulando-os. Ao realizar as entrevistas, os pesquisadores colocaram em foco os elementos chaves, o que enriqueceu a pesquisa trazendo situações para serem discutidas como, por exemplo: as vestimentas que estavam expostas nas figuras de forma diferente.

O que chamou nossa atenção foi a proposta de intervenção do profissional de Educação Física pautada nos princípios do CREF-CONFED. Lembramos que o “respeito à igualdade” não é princípio pedagógico exclusivo do CREF-CONFED.

No trabalho de Nascimento et al (2011) coloca-se em evidência um objetivo diferente do trabalho de Santos et al (2012) ao reportar a dança no universo masculino. Contudo, demonstram semelhanças ao discutir a discriminação do homem que dança. “O objetivo principal do trabalho será investigar e comparar a prática do homem na Dança na cidade de Pelotas nos meios formais e não formais” (escolas públicas, particulares e academias de dança), além disso, “pretende-se diagnosticar as preferências nas modalidades de Danças praticadas pelo sexo masculino”.

Uma informação importante que os autores trouxeram foi que a participação do homem na dança é pouco expressiva.

Os dados da pesquisa foram colhidos por meio de “visitas às principais Escolas Públicas e Particulares que ofereciam a Dança como atividade extraclasse.” As escolas e Academias/Grupos Independentes de Dança da cidade de Pelotas/RS também participaram do estudo. (NASCIMENTO et al, 2011).

Nos dados coletados sobre a participação dos alunos na dança dentro e fora da escola, o “total foi de 1727” de alunos. Sendo “1324 (76,7%) do sexo feminino e 403 (23,3%)

do sexo masculino”. O número de participantes do sexo feminino é muito significativo. Coloca-se em discussão o fato da dança ser considerada uma prática artística feminina. (NASCIMENTO et al, 2011).

Segundo os autores, a dança nas escolas públicas tem um percentual maior de alunos participantes (229 meninos e 538 meninas) totalizando 767, e isto se deve às atividades extraclases e projetos sociais desenvolvidos pelos professores de Educação Física ou Arte que já tiveram experiências anteriores com a dança. Ressaltam ainda, que na rede pública de educação é essencial que a formação continuada seja considerada um atributo para melhor qualidade nas aulas.

Nas instituições “privadas 7 escolas foram pesquisadas”, identificando “201 meninos e meninas praticantes de dança”. E Desse total, “25 (12,4%) alunos do sexo masculino”. (NASCIMENTO et al, 2011).

De acordo com a pesquisa nas academias e escolas especializadas, um total de “759 dos pesquisados praticam a dança” (sexo feminino e masculino), sendo que “149 (19.6%) eram do sexo masculino”. “As escolas públicas e privadas” têm um maior envolvimento dos praticantes da dança num total de “968 (56%)”. (NASCIMENTO et al, 2011).

Os autores analisaram que o estilo de dança com número maior de praticantes é a dança tradicional gaúcha. Isto se explica pela tradição da dança no Rio Grande do Sul. É praticada tanto por mulheres quanto por homens e não gera discriminação em relação à masculinidade. A dança de rua vem em segundo lugar, a dança de salão em terceiro lugar. (NASCIMENTO et al, 2011).

Pode-se dizer que as escolas públicas obtiveram o maior percentual de participantes da dança na cidade de Pelotas. O sexo masculino não teve uma participação significativa. Os motivos socioculturais não deveriam ser uma barreira para impedir que homens e meninos praticassem a dança segundo as conclusões dos autores. (NASCIMENTO et al, 2011).

Referindo-se às conclusões dos autores, poderíamos colocar em discussão qual a intervenção pedagógica que deveria ser feita para estimular a prática da dança na cidade por todos os sujeitos.

Na pesquisa, não foi identificado o questionário (fechado). Observa-se a importância de sabermos quais os questionamentos da pesquisa para que possamos refletir sobre as discussões. A discussão ficou limitada apenas ao percentual de participantes de algum tipo de dança (sexo masculino e feminino) nos diferentes meios “formais e informais” e também no estilo que os homens mais praticam na cidade de Pelotas.

A proposta de Almeida (2004) teve como objetivo “analisar as atividades de lazer no presídio de Campinas”, a partir da “teoria da ação comunicativa” de Habermas. Neste trabalho o autor colocou em foco as atividades de lazer que acontecem no presídio como “futebol”, “televisão”, “atividades físicas”, “leituras”, “festas”, “visitas”, buscando entender como essas atividades ocorrem na “cultura específica” no presídio.

A pesquisa foi feita na “Casa de Detenção de São Bernardo”. No primeiro momento o pesquisador conheceu a parte administrativa. Em seguida foi-lhe apresentado um preso que seria o representante na área esportiva. Após conversa, ficou acordado que o autor “mostraria as novas regras do futebol de salão e depois traria um time da Unicamp para fazer um amistoso”. Durante este amistoso o autor poderia fazer a entrevista com os presos. Foram divididas as atividades de lazer como as formais e informais. (ALMEIDA, 2004).

O que vai ser ressaltado nesta discussão são as atividades de lazer informais. As atividades informais representam as ações que o coletivo desenvolve na cela, “normalmente provocam o ilícito”, como exemplo: “homossexualidade voluntária”; “os jogos de azar; os usos dos diferentes tipos de drogas estão relacionados”. Nas palavras do autor, a palavra “voluntária” foi colocada para distinguir o “estupro”, ou até mesmo da “falta de pagamento da droga ou jogo que poderá motivar a homossexualidade”. (ALMEIDA, 2004).

Durante a pesquisa o autor não perguntou para os presos sobre o ato sexual na prisão. “Os assistentes sociais da Casa de Detenção confirmaram a ocorrência da homossexualidade”, e os mesmo relatam que ocorrem “altos índices de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS”. Segundo o autor a única cena que presenciou foi sobre a linguagem que define a homossexualidade a palavra “Boy”. (ALMEIDA, 2004).

Percebe-se que neste trabalho a questão da homossexualidade não é objeto de estudo do autor, mas aparece a partir de seu contato com o campo da pesquisa.

### CAPÍTULO III

#### A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE PRESENTE EM PESQUISAS SOBRE O UNIVERSO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O foco dos trabalhos foi de centralizar as análises acerca da homossexualidade na Educação Física Escolar a partir de diferentes perspectivas.

Foram identificados 11 trabalhos: 2 dissertações encontradas no Portal do Boletim de Educação Física e 9 artigos disponíveis na Revista EFDeportes.

O trabalho cujo título é “O discurso sobre homossexualidade no Universo Escolar: Um estudo no curso de licenciatura em Educação Física” teve como “finalidade de perceber de que forma se manifesta o discurso sobre a homossexualidade a partir dos/as futuros/as professores/as de Educação Física”. (LIMA, 2006, p.6). Foi feita uma pesquisa com 75 alunos e alunas. “Desse total, 40 alunas/os terminaram o curso no final de 2004, dentro do currículo de Licenciatura Plena e os outros 35 alunos/as concluíram o curso no final de 2005, já dentro da nova estruturação do currículo (licenciatura X bacharelado)”. (LIMA, 2006, p.6).

Foi aplicado um questionário com 23 questões que “abordavam temas referentes à diversidade sexual, à formação acadêmica destes/as alunos/as e ao espaço escolar”. (DE LIMA, 2006, p.4). Para aprofundar as discussões em torno das temáticas referenciadas acima foi exibido o filme, (produzido pelo Ministério da Saúde): Pra que time ele joga? (LIMA, 2006).

As disciplinas do currículo que problematizam as questões da diversidade sexual foi um assunto que gerou discussão na formação das/dos professoras/res de Educação Física, uma vez que segundo os pesquisados, “o tema preconceito foi o mais abordado pelas disciplinas (37%), seguido pela homossexualidade (28%)”. O tema “diversidade sexual” segundo os alunos/alunas da turma de (2004) não foi um tema abordado durante a graduação. O autor afirma que esta situação ficou limitada, pois esta temática não foi discutida/ aprofundada em seus aspectos considerados mais amplos. (LIMA, 2006).

A grande maioria dos pesquisados (89%) responderam que a “questão da sexualidade foi abordada durante sua graduação”. De acordo com o primeiro grupo pesquisado (turma de 2004), as disciplinas que mais atenderam esta demanda, “foram Ginástica Escolar A e B (20%), Aprendizagem Motora (14%) e Prática de Ensino (10%)”. (DE LIMA, 2006, p. 69).

De acordo com o autor os temas que eram abordados durante a disciplina variavam muito, conforme o “professor/professora que assumia a disciplina”. (DE LIMA, 2006).

No segundo grupo (turma de 2005), as disciplinas mais citadas que abordaram o tema sexualidade “foram Pedagogias da Educação Física (16%), Didática (11%), Metodologia de Ensino (9%) e Filosofia (9%)”. (DE LIMA, 2006, p.70). Neste grupo pesquisado houve uma maior presença das disciplinas “voltadas à escola, fato que não é estranho uma vez que o currículo trata somente da formação do/a licenciado/o em Educação Física (em detrimento do currículo anterior de Licenciatura Plena, dentro do qual a turma de 2004 foi formada”. (DE LIMA, 2006, p.69-70)

Grande parte dos estudantes não estão preparados para enfrentar “problemas ligados à homossexualidade (assumidos ou suposta) dos/das alunos/alunas na escola, demonstrando carência de uma discussão mais aprofundada”. (DE LIMA, 2006, p.88). A maioria “das alunas/os (55%) afirma que não se consideram aptos/os” a trabalhar com questões acerca da diversidade sexual, pois as discussões teóricas foram insuficientes. (DE LIMA, 2006). É importante considerar o papel da Universidade no processo de formação de educadores/as.

Os estudantes participantes têm um discurso sobre a homossexualidade aparentemente de tolerância, de respeito, de aceitação. Porém, há dificuldades quando a homossexualidade está mais próxima, quando há convivência, quando questionados sobre a formação familiar a partir de um casal homossexual. Segundo o autor estes fatos são evidenciados nas respostas dos pesquisados; pode-se perceber que a convivência “só é possível, aceitável, em situações inevitáveis, como no caso do espaço de trabalho”. “Há maior aceitação daquele/a homossexual que se aproxima da norma heterossexual e que corresponde às características de seu gênero, ficando dificultada a aceitação daqueles/as que se afastam da normalidade”. (DE LIMA, 2006, p.83).

Esta dissertação cumpre seu objetivo ao analisar os discursos presentes nas falas dos futuros/as professores/as de Educação Física no que se refere a diversidade sexual, especificando a homossexualidade. Um dado importante que foi relatado pelo autor é a necessidade de pesquisas acadêmicas na área da Educação Física com discussões ampliadas sobre a sexualidade.

A discussão da homossexualidade tratada na dissertação De Lima (2006) tem um enfoque semelhante e aspectos diferentes da dissertação de Santos (2008) intitulada “Corpo, Gênero e Sexualidade: Educar meninas e meninos para além da homofobia”. Este trabalho teve a finalidade de investigar como, na perspectiva dos egressos, a formação inicial ofertada no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC contemplou elementos para prática

pedagógica relacionando as questões de sexualidade, gênero e homofobia junto à Educação Básica. (SANTOS, 2008).

Nesta pesquisa foi realizada uma entrevista semi-estruturada organizada em 2 grupos compostos por professoras egressas da UFSC. O primeiro grupo foi formado por 17 egressas sendo 7 homens e 10 mulheres que cursaram a disciplina “Gênero e Co-educação na Educação Física”, e o segundo grupo ( 8 mulheres e 6 homens) formado por “contemporâneas que não cursaram a disciplina”. Para participar da pesquisa os egressos deveriam ter atuado ou estarem atuando na Educação Básica. A autora se atentou e verificou alguns documentos tais como: planos de ensino e ementa da disciplina “Gênero e Co- Educação na Educação Física” e, os textos utilizados na disciplina e Projeto Curricular do Curso de Licenciatura. (SANTOS, 2008).

Sobre os elementos fornecidos pelos entrevistados entre o que foi vivido na formação e nas experiências na educação básica, há diferenças. O que os entrevistados viveram na universidade parecia estar descolado, da realidade no ambiente escolar. Segundo as declarações o currículo pouco possibilitou discussões para enfrentar a realidade escolar.

A homofobia é manifestada na escola, pois a escola faz parte da sociedade. “Porém, é pertinente considerar a concepção de que em se tratando de crianças tão jovens existe muito mais uma prática de reprodução do que outra forma de manifestação”. (SANTOS, 2008, p. 87).

Ainda sobre a manifestação da homofobia, uma professora disse não conhecer este fato no ambiente escolar. Porém, ela relata um episódio dizendo que na creche um menino chama o outro de “viadinho”. Na verdade este fato é homofóbico.( SANTOS 2008). Percebe-se que a professora não tem conhecimento sobre o que vem a ser homofobia e tem dificuldades para lidar com a situações de homofobia.

De acordo com o autor, alguns sujeitos pesquisados possivelmente “sequer tenham conseguido enxergar situações problemáticas, mesmo que elas tenham efetivamente acontecido, porque aparentemente sua disposição não se encaminha no sentido de percebê-las e nem mesmo de intervir sobre elas”.(SANTOS, 2008, p.108).

Neste sentido o autor considera que a princípio, “todos/as professores/as de Educação Física têm em sua formação o conhecimento sob o viés da biologia, ocorre que ele sozinho jamais daria conta de toda a complexidade que é inerente à sexualidade humana”. (SANTOS, 2008, p. 101).

Ficou evidente que a formação de professores não se esgota ao terminar um curso de graduação, pois, as novas problemáticas que surgem no cotidiano como um todo necessitam de pesquisas e reformulações nas práticas pedagógicas.

Na nossa interpretação os trabalhos de De Lima (2006) e Santos (2008) têm semelhanças quanto à dinâmica da organização das discussões em torno da sexualidade, e utilizam metodologias adequadas para problematizar os objetivos propostos. Os trabalhos demonstraram eficiência para que possamos referenciá-los para pesquisas.

A Orientação Sexual e a Educação Física nos PCNs foi um assunto abordado no trabalho de Chimiti et al (2007).

Um dado importante levantado pelos autores é a crítica relacionada à sexualidade como um ideário “conservador e normalizador”. Informam que a inclusão da Orientação Sexual nos PCNs ocorreu em função do aumento da gravidez indesejada, do risco de contaminação com o vírus da AIDS e das dificuldades dos pais em tratar o assunto. (CHIMITI, 2007). Percebe-se uma visão centrada na prevenção da saúde. Não ocorre uma discussão histórica problematizando estas questões.

Portanto os PNCs não problematizam a sexualidade na perspectiva histórica da mesma forma que as categorias homossexualidade e heterossexualidade. (CHIMITI, et al, 2007).

O artigo produzido por Chimiti et al (2007) trouxe uma discussão diferente dos demais trabalhos, colocando em discussão a Educação Física e a sexualidade nos PCNs. Consideramos pertinente este enfoque, pois os PCNs são documentos que foram criados para auxiliar as práticas pedagógicas no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, estes documentos têm limitações que precisam ser discutidas para nos auxiliar em nossas intervenções pedagógicas.

O trabalho de Moraes et al (2011) constitui-se de uma análise da homossexualidade e do bullying na Educação Física Escolar por meio de revisão de literatura.

Os autores citam Brito (2000) e informam sobre a mudança ocorrida em 1985 no Código Internacional das Doenças (CID) quando “o homossexualismo passou dos distúrbios mentais para os sintomas psicossociais”. Em 1995 ocorreu outra revisão e o termo homossexualismo deixou de fazer parte do diagnóstico do CID. A partir desta modificação os cientistas concluíram que o homossexualismo não podia ser “diagnosticado como transtorno”. A Anistia Internacional considera violação aos direitos humanos a “proibição da homossexualidade” desde 1991. (MORAIS, 2011).

Segundo os dados levantados pelos autores, o bullying é um problema complexo que está aumentando no contexto escolar e na sociedade. Proveniente do preconceito dos alunos e professores em relação ao homossexual o bullying traz consequências sérias que deverão ser problematizadas. (MORAIS et al, 2011).

Com a evolução dos costumes sociais, mudanças de comportamento, o bullying esta sendo retratado no cinema, no teatro, nas novelas e na mídia em geral. (MORAIS et al, 2011).

O bullying se caracteriza por agressões físicas e verbais um fato que está se tornando frequente nas escolas. A autora cita Fante (2005) apud Barduni Filho e Souza (2008) que enfatiza a importância da intervenção do professor de Educação Física para detectar o bullying, pois, “algumas brincadeiras escondem uma ofensa relacionada a alguns sujeitos e isto pode gerar constrangimento, sofrimento”. (MORAIS, et al 2011).

A homossexualidade no contexto escolar esta constantemente exposta ao preconceito. Seguindo as ideias expostas pelos autores, a escola está reproduzindo as desigualdades sociais. A escola tem a finalidade de conscientizar, orientar todos que estão incluídos neste ambiente. Quando a escola faz “classificações dos sujeitos pela sua cor, raça, sexo, condição econômica, contribui para reproduzir e hierarquizar as diferenças”. (MORAIS, 2011). É importante que a escola busque possibilidades de intervenções pedagógicas para amenizar os conflitos gerados pela discriminação, para problematizá-los, respaldando os valores de uma na sociedade mais justa.

Os autores reforçam a intervenção do professor de Educação Física nas situações de bullying na escola. (MORAIS et al, 2011). Percebe-se que não é somente o professor de Educação Física que vai conseguir acabar com o bullying dentro da escola. Cabe ao corpo gestor, juntamente com toda comunidade escolar, articular ideias proporcionando, por exemplo, projetos, atividades, palestras com psicólogos e terapeutas para tentar enfrentar a questão.

Os autores concluem que o homossexual é visto como diferente no ambiente escolar e por meio deste aspecto é vítima de bullying. Consequentemente pode sofrer danos no seu processo de ensino aprendizagem.

O estudo de Baroni et al (2009) “apresenta uma proposta metodológica com sistematização de atividades que englobem o tema transversal “orientação sexual”, previsto nos PCNs, para que sirva como proposta de abordagem do tema sexualidade nas aulas de Educação Física escolar”. Foi realizada uma pesquisa de campo com trinta alunos da 1º série do Ensino Médio; composta por dezoito meninas e doze meninos, com faixa etária entre 14 e

17 anos de idade; eles têm 2 aulas por semana de Educação Física no horário regular. As aulas foram elaboradas com atividades que têm relação com a sexualidade. (BARONI, 2009).

Os autores colocam em evidência a abrangência da sexualidade e a necessidade de intervir nas práticas pedagógicas:

Falar de sexualidade remete-nos a pensar imediatamente ao ato sexual e à reprodução. Mas a sexualidade é muito mais abrangente. Pode ser definida como uma forma de expressão dos afetos, uma maneira de cada indivíduo se descobrir e descobrir os outros. Pois se a sexualidade engloba a identidade sexual (masculina e feminina); os afetos e a auto-estima; as alterações físicas e psicológicas ao longo da vida; o conhecimento anatômico e fisiológico do homem e da mulher; a higiene sexual; a gravidez, a maternidade e a paternidade; métodos anticoncepcionais; doenças sexualmente transmissíveis; os transtornos sexuais, entre outros; a Educação Física Escolar por trabalhar com a prática corporal não deve apenas discutir as questões de gêneros e sim ir além e saciar as dúvidas dos alunos como as acima citadas, pois estes por muitas vezes nem sabem que as têm. (BARONI et al, 2009).

As atividades propostas pelos autores evidenciaram a temática da sexualidade no decorrer das aulas com diferentes objetivos, a partir de algumas práticas corporais da Educação Física (dança, futsal, jogos). Foram realizadas dramatizações retratando os seguintes temas: Desejo sexual; DSTs; Sexo seguro; Gravidez na adolescência; Violência sexual.

Nas considerações finais os autores trouxeram importantes apontamentos justificando os objetivos e as temáticas trabalhadas de acordo com os PCNs. Defenderam a importância de trabalhar uma proposta pedagógica para ensinar e compreender a orientação sexual, relacionando-a aos comportamentos e valores.

Considera-se que o trabalho foi pertinente aos objetivos propostos. No decorrer das atividades os pesquisadores tiveram a preocupação de não separar os alunos por gênero.

A limitação que identificamos neste trabalho foi a não discussão da homossexualidade nas aulas de Educação Física escolar, mesmo o objetivo sendo a sistematização de atividades que englobassem o tema orientação sexual, expresso nos PCNs.

No decorrer das aulas propostas houve momentos em que os alunos demonstraram alguns preconceitos em relação à dança, dizendo que “dançar não é para homem”. Foi relatado também que nas atividades com toques ocorriam “comentários maliciosos”. Neste momento é importante a intervenção do professor de Educação Física para tentar desmistificar, por exemplo, que dança é apenas para mulheres. O homem também dança independente de sua orientação sexual.

Com uma discussão diferente do artigo anterior, Santos et al (2012) trazem uma perspectiva de “analisar como os jovens em fase escolar interpretam o gênero e o preconceito” veiculado na mídia, e como essas manifestações são representadas por estes alunos no ambiente escolar e nas aulas de Educação Física.

A pesquisa foi realizada em uma escola particular, com 6 alunos do ensino fundamental do 8º e 9º anos. Foi feito um questionário misto com perguntas abertas. Os pesquisadores utilizaram o grupo focal para melhor discussão. Os relatos e debates foram gravados. (SANTOS, et al, 2012).

Os autores utilizaram 5 vídeos (vídeo-sensibilização) para que ocorresse o debate sobre o tema: mídia, esporte e preconceito. O episódio escolhido foi um jogo de voleibol em que o jogador Michel recebeu xingamentos do público todas as vezes em que tocou na bola, configurando assim uma reação homofóbica. Os autores registram que o jogador assumiu em público sua orientação sexual. (SANTOS et al, 2012).

Após a exibição do filme os alunos pareciam estar em choque com o preconceito que Michel sofreu. (SANTOS et al, 2012).

Na pesquisa o entrevistador questionou os alunos sobre o que achavam da atitude da torcida e como a mesma deveria agir. Todos os sujeitos disseram que é uma falta de respeito, eles deveriam aplaudir. (SANTOS et al, 2012).

Durante a pesquisa percebeu-se contradições nas respostas. Os sujeitos parecem ter dúvidas em suas respostas, mas parecem também ter consciência em relação ao poder de manipulação ideológica da mídia. Os autores concluem que a mídia induz os sujeitos a terem várias interpretações dos fatos do cotidiano, e nesta lógica pode está velado um preconceito “invisível”. Este preconceito pode ser identificado nas falas dos sujeitos sobre a orientação sexual e a mídia. (SANTOS et al, 2012).

Em relação aos apontamentos, este trabalho tem algumas semelhanças ao identificar o preconceito, uma atitude comum entre os sujeitos que estão diante da homossexualidade. A discussão do preconceito existente dentro dos esportes que é impulsionado é diferente quando o fato ocorre no ambiente escolar. Os objetivos propostos pelos autores foram alcançados no decorrer da discussão.

No entanto, a mídia esportiva coloca em evidência seus sentidos e significados, seduzindo os sujeitos a se juntar a ela e, conseqüentemente, forma a padronização dos estereótipos sociais, pois a mídia reforça-os fazendo destes sujeitos escravos sem poder libertar suas opiniões.

Neste sentido, podemos citar o caso do pivô Jason Collis, que jogou no Boston Celtics e a Washington Wizards, que assumiu publicamente a homossexualidade. O mesmo diz estar feliz por assumir a sua verdadeira identidade sexual; durante este tempo ele tinha medo de dizer a verdade, pois poderia está tomando uma atitude “errada”, diz que não dormia bem e sofria para viver uma mentira. O mesmo disse que não assumiu anteriormente por “lealdade” com a equipe em que atuava.

Algumas celebridades apoiaram a atitude do jogador, outros se dizem contra a homossexualidade. No entanto a mídia pode criticá-lo. A torcida também. Os patrocinadores podem fugir. Pode ocorrer o isolamento do jogador por causa de seus companheiros. Segundo a imprensa em geral, do ponto de vista esportivo, atletas torcedores, patrocinadores, dirigentes estão a favor da revelação de Jason Collis, e colocaram em evidência que mais atletas podem revelar a homossexualidade. Se isto ocorrer, poderá ser tão comum que não será notícia.

Marques et al (2006) apresentam uma proposta relacionada à orientação sexual, com 6 oficinas realizadas por professores de Educação Física. A pesquisa foi feita com a participação de 20 sujeitos (meninos e meninas) entre 12 e 16 anos que são matriculados na 7ª e 8ª do ensino fundamental, ciclo II, numa escola pública de Barueri, SP.

As oficinas foram organizadas com duas finalidades: Primeira para que os alunos pudessem discutir e refletir sobre suas dúvidas, angústias, alegrias, temores referente à própria sexualidade. “Posteriormente procurou-se fazer uma leitura atenta destas mesmas oficinas, despreendendo conclusões, a partir do referencial interdisciplinar relacionado à Educação Física, Gênero e Sexualidade”. (MARQUES et al, 2006).

Os PCNs, segundo os autores, não disponibilizam informação sobre como o professor de Educação Física poderia atuar ao discutir a sexualidade. Na visão dos autores deveriam ser discutidos assuntos relacionadas à masculinidade e feminilidade como: preconceitos; estigmas; discriminação que são fundamentais de serem refletidos na nova configuração de sociedade. ( MARQUES et al, 2006).

As oficinas foram realizadas a partir de um material pedagógico de uma professora de Educação Física. As oficinas foram sobre a orientação sexual relacionada aos temas: Sexo (masturbação e virgindade); História da Sexualidade; Anatomia Genital e Anticoncepção (contracepção). (MARQUES et al, 2006).

Compreendemos, assim, que a forma como ocorreu a intervenção levando em consideração as dúvidas e as ideias que os alunos tinham em relação à sexualidade está pautada na lógica da promoção da saúde. Destacou-se a importância da participação do professor de Educação Física na abordagem pedagógica dessas questões.

O estudo de Brito (2011) buscou “por meio da utilização de revisão de literatura na área, discutir como a construção da identidade de gênero masculina na Educação Física escolar tem sido investigada”.

O autor diz que a identidade masculina tem uma relação com o esporte, “promovendo nos meninos posições de poder” nas práticas consideradas masculinas. (BRITO, 2011).

No subtítulo: A identidade de gênero masculina, Brito (2011) cita Pereira (2009, p. 39) que diz: “A partir dos anos 80, emerge uma série de inquietações acerca da formação social e cultural da masculinidade, que apresentam vínculos com as conquistas dos movimentos feministas e homossexuais”.

Considera-se que, a partir dos anos de 1980 surgiram movimentos contra preconceitos ligados à homossexualidade. Surgiram discussões para tentar diminuir o estigma social. (BRITO, 2011).

Brito (2011) refere-se a Monteiro (2008, p.105) que afirma: “Homens gays, homens feministas, entre outros tipos que se multiplicam, passam a buscar a sua legitimidade frente a uma obrigação de ser “macho” a todo custo, sendo questionado um padrão único ao qual todo homem deve adequar-se”.

O autor cita autores que retratam o esporte como conteúdo generalizado, internalizado desde cedo para os meninos, sendo constituído culturalmente e reafirmado pela Educação Física. O autor conclui que em certa medida o currículo da Educação Física pode ser o próprio produtor da masculinidade. (BRITO, 2011). Neste sentido, este artigo configurou um pequeno enfoque sobre a homossexualidade.

Gomes (2010) fez uma pesquisa com alunos de 8º e 9º do ensino fundamental de uma escola pública do município do Rio de Janeiro. Foram identificados inúmeros conflitos de identidades étnicos, de orientação sexual, gênero e estético corporal. Eis os questionamentos levantados pelo pesquisador:

O que ensinar aos alunos sobre reconhecimento e valorização das diferenças culturais? Por que ensiná-los a reconhecer e valorizar as diferenças? Que propostas são mais adequadas e surtiriam mais efeito com eles? Como desafiar situações de discriminação e discursos preconceituosos? Como promover a formação de identidades culturais sem nos aprisionarmos aos modelos homogeneizadoras de gênero, etnia, orientação sexual e corporal?. (GOMES, 2010).

Em relação às aulas propostas pelo pesquisador no espaço das aulas de Educação Física com o objetivo de identificar os desafios do professor pesquisador, construir propostas

de intervenção pedagógica. E foram analisadas várias questões tais como: atitudes discriminatórias podem afetar a participação de alguns alunos nas aulas de Educação Física escolar. (GOMES, 2010).

Na conclusão do autor:

(...) foi identificado que a negociação no momento da discussão é eficiente em torno das questões de gênero e orientação sexual, sobre os direitos das alunas no uso das quadras e da monocultura do futebol que isola os meninos que apresentam conduta ou revelam homossexuais. (GOMES, 2010).

As perguntas levantadas para realizar a pesquisa foram importantes para identificar os desafios do professor em sua prática pedagógica diante da diversidade. Peçanha et al (2010) buscaram mapear “(...) como os docentes de uma escola privada do município do Rio de Janeiro atuam para minimizar o bullying homofóbico nas aulas de Educação Física escolar”. Foi realizada uma pesquisa com um grupo focal, por meio de uma entrevista semi estruturada, aplicada e gravada para coleta de dados. Os entrevistados foram cinco professores de Educação Física.

Buscando informações em referenciais bibliográficos os autores colocam em discussão que alunos e alunas frequentemente são vítimas de apelidos discriminatórios nas aulas de Educação Física. Neste contexto, as meninas que gostam de jogar futebol são “taxadas” de “sapatão” e meninos que têm dificuldade de praticar atividades coletivas que exige força e agilidade são chamados de “viadinho”. Conseqüentemente, estes indivíduos, vítimas de bullying, sofrem problemas de socialização e emocionais. É importante que os professores intervenham com práticas pedagógicas tentando minimizar a prática de bullying. (PEÇANHA et al, 2010).

Na sistematização dos dados foram abertas 4 categorias para discussão: “Linguagens discriminatórias”; “Desconhecimento da expressão bullying”; “Habilidade Motora e Identidade Sexual”. (PEÇANHA et al, 2010).

Na categoria: “Desconhecimento da expressão bullying” a maioria dos entrevistados disseram desconhecer o significado de bullying. Segundo os autores, a expressão bullying chegou ao Brasil por volta de 2000 por meio de livros e trabalhos acadêmicos. Nos cursos de formação acadêmica a discussão não é significativa. (PEÇANHA et al, 2010).

Na categoria “Ações para minimizar o bullying” os pesquisados disseram que é importante haver intervenções para tentar minimizar o bullying. Um dos informantes se apoia nos PCNs dizendo ser relevante o tema orientação sexual e gênero.

Peçanha et al (2010) concluíram em seu trabalho que a maioria dos professores de Educação Física desconhece a palavra bullying e já presenciaram o fenômeno. A prática do bullying ocorre no ambiente escolar relacionando o sexo biológico, a habilidade motora e a identidade sexual dos alunos. A maioria utiliza intervenções pedagógicas para minimizar o bullying como, por exemplo, o diálogo. Estes pesquisadores têm dificuldade de discutir o tema sexualidade no ambiente escolar.

Após análise deste trabalho percebe-se que a discussão em torno do bullying homofóbico nas aulas de Educação Física escolar é restrita, não há uma reflexão contextualizada diante do fato, relacionada à intervenção pedagógica dos professores ou até mesmo do corpo gestor. O que ocorre é a descrição do bullying presente no ambiente escolar.

A formação acadêmica do professor de Educação Física deverá ser analisada, pois os cursos de graduação não têm oferecido subsídios para que se abordem temáticas que são comuns na escola como sexualidade, bullying, homofobia. Quando ocorre, é discutido de forma reduzida. Cabe também aos professores buscar sua qualificação profissional realizando cursos e participando de congressos para ter maior qualidade na sua prática pedagógica.

Os trabalhos de Gomes (2010) e Peçanha et al (2010) têm semelhanças que merecem ser destacadas, tais como: formação acadêmica dos professores de Educação Física que devem estar em constante atualização para desenvolver uma prática pedagógica reflexiva; a escassez de produções teóricas relacionadas, por exemplo, ao bullying homofóbico que ocorre no ambiente escolar, pois a maioria dos professores revela não saber como lidar com a situação.

Junior et al (1996) tiveram como objetivo “indicar possíveis preconceitos e discriminação para com os homossexuais masculinos no âmbito da Educação Física/esporte”.

Na área da Educação Física o debate sobre a homossexualidade parece não ser tão aprofundado. Segundo os autores este trabalho pode ser uma alternativa para mostrar uma direção para se discutir a temática, pois quase não há trabalhos de pesquisa; estimular os professores que o tema homossexualidade deverá ser discutido e também colocar em discussão que o esporte não está restrito apenas para uma parcela da população. (JUNIOR et al, 1996).

De acordo com Junior et al (1996), a literatura brasileira não mostrou estudos realizados discutindo sobre homossexuais, Educação Física e/ou esporte. Na literatura internacional foram encontrados em periódicos trabalhos relacionados à temática. Nestas análises o assunto mais abordado foi homofobia e heterossexismo (o que é estabelecido como normas para todas as relações sociais e sexuais). Estes conceitos são visíveis nos ambiente

escolares e não escolares. É comum ocorrer a discriminação contra os homossexuais na escola ocorrendo agressões físicas, psicológicas, injúrias, ofensas verbais. Isto é percebido nas vestimentas, no modo de ser, de andar, de expressar dos homossexuais, que conseqüentemente são apelidados e estereotipados. Segundo Júnior et al (2006) os próprios professores reforçam o preconceito e a discriminação.

A leitura de todos esses trabalhos mostrou que as questões da sexualidade, especialmente as que envolvem o preconceito, bullying e a homofobia, têm se colocado cada vez mais como uma demanda para a pesquisa no campo da Educação Física Escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que a grande maioria dos trabalhos pesquisados apresentou fragilidade em relação ao aprofundamento das análises, aos procedimentos metodológicos e à qualidade da escrita.

Reconhecemos que as questões da sexualidade não são um tema fácil de ser abordado, principalmente quando coloca-se em discussão a homossexualidade. Muitas pessoas não estão dispostas, por exemplo, a conceder uma entrevista ou responder um questionário sobre o assunto.

Na escola, há ainda as dificuldades relativas ao próprio campo de pesquisa: obtenção de autorizações, procedimentos que envolvem crianças e adolescentes etc.

Pode-se ver que a maioria dos artigos encontrados no levantamento está publicada na Revista EFDeportes. Trata-se de um periódico com normas de publicação pouco rigorosas. Nota-se isso inclusive pela qualidade de muitos dos artigos publicados. No entanto, é uma revista muito acessada por estudantes, professores e pesquisadores da área da Educação Física .

Os resultados de nossa pesquisa, apesar das fragilidades dos trabalhos, mostram a necessidade do aprofundamento acadêmico criterioso na investigação sobre o assunto.

Mesmo com as fragilidades, a pesquisa trouxe dados significativos. Vários trabalhos defendem a atuação do professor de Educação Física na escola no enfrentamento das questões relativas à homossexualidade (homofobia, bullying...). Os pesquisadores em geral demonstram saber que não é “o professor de Educação Física” sozinho que vai resolver as questões.

Foi identificado que falta nos trabalhos em geral uma compreensão histórica das questões relativas à homossexualidade e ao preconceito. Falta um entendimento da totalidade da sociedade: se vivemos numa sociedade onde predomina o preconceito, isso vai se manifestar na escola, pois a escola é parte desta sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARONI, Marcelo; Junior, Rubens Venditti. **Abordagem do conteúdo sexualidade nas aulas de educação física escolar no ensino médio: estratégias e propostas.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires - Año 14 - Nº 131 - Abril de 2009.

BRITO, Leandro Teófilo. **Masculinidades e Educação Física escolar: interlocuções.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 16, Nº 161, Octubre de 2011.

CHIMITI, Karoline Dayenne; Pelegrini, Thiago; Gallo, Alex Eduardo. **A Educação Física e a sexualidade nos parâmetros curriculares nacionais: Conservadorismo e normatização sexual.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires -Año 12 – Nº 13 – Octubre de 2007.

CORTE, Della Jaime et al. **Excluindo os excluídos: alunos beneficiados pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI) que devido às permanentes problemáticas provenientes do ensino médio público abandonam o ensino superior.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 17, Nº 173, Octubre de 2012a.

CORTE, Della Jaime et al. **Homofobia: a postura dos lutadores evangélicos de jiu-jitsu brasileiro diante dos homossexuais.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 17, Nº 171, Agosto de 2012b.

DA CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira; De Melo, Victor Andrade. **Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações.** In: Revista Movimento Ano III - Nº 5 - 1996/2.

DE ALMEIDA, Marco Antonio Bettine. **Análises das atividades de lazer no presídio de Campinas – SP.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires – Año 10 - Nº 76 - Septiembre de 2004.

DE LIMA, Francis Madlener. **O Discurso sobre a homossexualidade no universo escolar: Um estudo no curso de licenciatura em Educação Física.** In: Portal do Boletim de Educação Física, 2006.

DOS ANJOS, Luiza Aguiar. **Driblando os estereótipos: uma análise sobre representações femininas a partir do filme *Driblando o destino***. In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 15, N° 147, Agosto de 2010.

FERRAZ, Simone; De Almeida, Marco Antonio Bettine. **A inserção da mulher na arte marcial: o caso do kung fu.** . In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 15, N° 166, Marzo de 2012.

GODOI, Marcos Roberto. **Governo dos corpos, gênero e sexualidade: reflexões sobre situações do cotidiano das escolas**. In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires - Año 14 - N° 134 - Julio de 2009.

GOMES, Joe. **O discurso como prática**. In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 15, N° 147, Agosto de 2010.

LEÃO JUNIOR, Cleber Mena; Carvalho, João Eloir. **O bullying no contexto escolar**. In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires – Año 16, N° 163, Diciembre de 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria do queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAIA, Wallison et al. **Homofobia no futebol: questões e reflexões**. In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires - Año 15 - N° 146 - Julio de 2010.

MARQUES, Lílian Danyi; Knijnik, Jorge Dorfman. **Interfaces entre orientação sexual e Educação Física: reflexões a partir de uma proposta de intervenção na escola pública de ensino fundamental ciclo II**. In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires – Año 11 - N° 103 - Diciembre de 2006.

MORAIS, Lidiane Marrero; Oliveira, Regiane Gonçalves; Fecho, Juliane Jellmayer. **A homossexualidade e o bullying na Educação Física Escolar**. In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 15, N° 153, Febrero de 2011.

NASCIMENTO, Diego Ebling; Nascimento, Flávia Marchi; Oehlschlaeger, Maria Helena Klee. **O homem na dança: um estudo comparativo do sexo masculino nos meios formais e não formais de ensino na cidade de Pelotas, RS.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 16, N° 155, Abril de 2011.

PAULO JUNIOR, Euclides José; De Sousa, Ronaldo Ribeiro; Nunes, Michele Berti. **Futsal feminino: a arte por trás da maquiagem.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 17, N° 175, Diciembre de 2012.

PEÇANHA, Morjana Britto; Devede, Fabiano Pries. **O discurso dos docentes do primeiro segmento do ensino fundamental sobre o bullying homofóbico na Educação Física escolar.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires - Año 15 - N° 146 - Julio de 2010.

SANTOS, Leonardo Barros; Ferreira Filho, Raul Alves. **Dança versus masculinidade: o 'homem' do século XXI e as nuances sociais relacionadas à discriminação.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires - Año 17 - N° 168 - Mayo de 2012.

SANTOS, Alan Lagoa; Mezzaroba, Cristiano. **Esporte e mídia: gênero e preconceito presentes no discurso midiático-esportivo e suas possíveis implicações na escola.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 17, N° 172, Septiembre de 2012.

SANTOS, Luciene Neves. **Corpo, gênero e sexualidade: educar meninas e meninos para além da homofobia.** In: **Portal do Boletim de Educação Física**, Florianópolis: Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

VOLOTÃO, Amanda et al. **Homofobia: análise quantitativa dos graus de discriminação na Educação Física, lutas.** In: Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, Año 15, N° 149, Octubre de 2010.